

**Conservação ambiental e mecanismos psicanalíticos de defesa.  
O caso da Bacia do Rio Cachoeira, Joinville – SC - Brasil**

**Sandra Tireck Junqueira**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente, UNIVILLE, Brasil.  
sandratireckjunqueira@gmail.com

**Rodolfo Coelho Prates**

Professor Doutor, UNIVILLE, Brasil.  
rodolfo.prates@univille.br

## RESUMO

O presente estudo objetivou avaliar os mecanismos de defesa utilizados por residentes do entorno da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, severamente poluída e considerada a mais vulnerável à degradação no município de Joinville - SC. Os mecanismos de defesa foram descritos por Freud como processos inconscientes por meio dos quais o ego se dissocia de impulsos ou afetos que considere ameaçadores e que tragam sofrimento. Em relação às questões ambientais, estes mecanismos podem agir poderosamente para criar inconsistências entre atitudes e comportamentos professados em relação às normas contra a degradação ambiental, à cultura de diminuição de resíduos tóxicos, à mudança climática etc. Este é um estudo qualitativo, do qual participaram sete residentes avaliados a partir do emprego de três entrevistas individuais. A definição do número de participantes envolveu a técnica da bola de neve. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas na íntegra e analisadas de maneira independente. A idealização, a projeção, a racionalização, a negação e a apatia foram os mecanismos de defesa identificados com maior frequência nos estudos de caso, corroborando a hipótese do surgimento de ansiedade e sofrimento diante de situações ambientais ameaçadoras. Conclui-se, com este estudo, que a compreensão do funcionamento defensivo das pessoas que se deparam com essas situações pode auxiliar no aprimoramento de intervenções mais eficazes em programas e campanhas voltadas à conservação ambiental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Degradação ambiental; Psicanálise e Meio Ambiente; Defesas do ego.

## 1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX, surgiu nos EUA o conceito de conservação ambiental dentro da corrente ideológica do conservacionismo que se opõe ao crescimento econômico “a qualquer custo”, desconsiderando os impactos ao ambiente natural e o esgotamento de recursos naturais. De modo complementar, sobre a gênese da sensibilidade ecológica no mundo moderno, Pádua (2003, p.391), demonstra o surgimento de uma percepção da problemática ambiental, relacionada às transformações urbano-industriais a partir do final do século XIX na Europa e, também, dentre outros processos históricos, a expansão colonial europeia e a consolidação da ciência como modo privilegiado de compreensão do mundo. Ele declara que:

A crítica ecológica moderna mostra-se tributária, em boa medida, da compreensão por parte de cientistas e administradores, de que os processos econômicos adotados pelos colonizadores europeus em regiões...., assim como no Brasil, estavam provocando uma degradação ambiental acelerada e evidente.

No Brasil, foi criada, em 1958, a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN). Esta foi, até a criação do IBAMA em 1989, a principal organização da sociedade civil brasileira dedicada à preservação e à conservação da natureza.

Em 22 de fevereiro de 1989 com a promulgação da Lei nº 7.735, que cria o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a integração da gestão ambiental no país passa a ser uma realidade. Isto se dá a partir da fusão de quatro principais órgãos de regulamentação ambiental, junto a Secretaria Especial do Meio Ambiente, cujos desdobramentos apresentam constantes desafios de ordem social, política e econômica.

O pensamento conservacionista contempla o uso racional e o manejo criterioso da natureza, entendendo os cidadãos como gestores e integrantes do processo. Ele se encontra na base de muitos movimentos ambientalistas atuais. Desse modo, deve servir de alicerce para políticas de desenvolvimento sustentável, buscando um modelo de desenvolvimento que garanta a qualidade de vida, mas que não destrua os recursos necessários às gerações futuras.

Seguindo esta premissa, esforços e iniciativas à educação e à conscientização ambiental dos cidadãos têm surgido nos últimos anos por meio de iniciativas de várias organizações em diversas nações. Programas de governos, das associações e das indústrias buscaram estabelecer padrões mais rígidos nas últimas décadas, inclusive aplicando incentivos econômicos para combater a poluição ambiental, a mudança climática e outros problemas ambientais globais.

Embora a conscientização ambiental tenha melhorado nos últimos anos, “foi apontada uma lacuna entre atitude consciente e ação das pessoas em prol das questões de conservação ambiental” (HIRAMATSU, KURISU & HANAKI, 2016, p.8-24). Existe uma distância enorme entre o discurso e a prática. O discurso e a racionalização sobre a importância em relação ao meio ambiente são notórios, e não se dúvida disso, mas, por outro lado, há uma discrepância entre as ações relacionadas ao meio ambiente. Neste trabalho, defende-se que a compreensão de como os seres humanos lidam com seus conflitos, culpas, ambivalência, ansiedade ou angústia, medos e incertezas, ainda não entrou totalmente no repertório das abordagens de conscientização e educação ambiental que levem ao engajamento efetivo das pessoas em atitudes e iniciativas práticas. Neste sentido, Renée Lertzman, (2015, p.3) traz uma contribuição aos modos de organizar os programas em defesa e conservação do meio ambiente:

Ao invés de tentar motivar e inspirar as pessoas a agirem forçando-nos a remar contra a maré e enquadrar o nosso trabalho como sendo uma persuasão, eu tomo como ponto de partida que as pessoas já se importam bastante, mas que talvez estejam envolvidas em dilemas complicados que tornam difícil a ação.

A suposição de Lertzman aponta para os dilemas pessoais que podem paralisar uma ação positiva em favor do meio ambiente. Greene (2018), reconhecido por seu trabalho sobre como a racionalidade e a emoção afetam as decisões morais, aborda o processo dual das intuições éticas na atualidade, bem como a tragédia dos bens de livre acesso, onde, se todo mundo fizer só o que é bom para si mesmo, todos irão acabar em pior situação. Assim, os maiores problemas sociais – guerras, terrorismo, destruição do meio ambiente – surgem da nossa tendência de aplicar o “senso comum” aos problemas da vida moderna. (GREENE, 2018, p.10). A melhor forma de analisar o nosso raciocínio moral é, para Greene, por meio dos dilemas morais, ou seja, a moralidade é vista como uma espécie de ferramenta ou conjunto de ferramentas mentais vivas e que nos permite evitar a tragédia pensando não apenas em nós mesmos, mas também nos preocupando com o bem-estar da coletividade. A questão moral não é orgânica, ou seja, não existe uma área no cérebro relacionada à moralidade, que nos torna mais ou menos humanos. Não se trata, portanto, da anatomia, mas sim do funcionamento mental, tanto dos fatores racionais como dos emocionais. Neste aspecto observa-se o paralelismo com a psicanálise no estudo da subjetividade humana, que não se fundamenta a partir do cérebro humano, ou seja, da morfologia, e sim nos aspectos mentais, conscientes e inconscientes, racionais e emocionais. Kollmuss (2002) ilustra dizendo que:

A existência de processos inconscientes e reações emocionais diante de ameaças ambientais ocasiona tensões psicológicas, emoções e

conflitos sem precedentes. A angústia que se instala levará a problemas psicológicos secundários, respostas destinadas ao alívio dos sentimentos negativos. (KOLLMUSS, 2002, p.239-260).

Muitas vezes essas respostas, que são defesas, impedem as pessoas de apresentarem comportamentos em prol da conservação ambiental. A psicanálise criada por Freud descreve os mecanismos de defesa, como o recalque, a negação, a racionalização, a idealização, a projeção e a apatia, por exemplo, que podem ser um dos maiores recursos ao examinar a questão do engajamento nas questões ambientais do ponto de vista do psiquismo. Freud (1888-1893) investigou sobre as defesas do Eu desde o início de sua prática como médico neurologista. A defesa consiste em repelir da consciência aquilo que provoca desprazer, ansiedade ou angústia. Promovida pelo ego, aspecto consciente do Eu, ela, ao mesmo tempo em que protege o psiquismo, pode originar sintomas e alterações do Eu, os quais geram sofrimento psíquico. Desde a criação da psicanálise por Freud, o tema dos processos defensivos vem sendo desenvolvido, podendo-se destacar no presente estudo a contribuição de alguns autores, como por exemplo: Anna Freud, Melanie Klein, Hanna Segal, Rene Lertzman, David Zimmerman, Harold Searles, e Dovan Cartwright. Apoiando-se nas suas contribuições, avaliou-se como os mecanismos de defesa decorrentes da degradação ambiental da Bacia do Rio Cachoeira afetam os residentes próximos de seu entorno.

## **2 OBJETIVO**

O principal objetivo foi avaliar como os mecanismos de defesa decorrentes da degradação ambiental da Bacia do Rio Cachoeira afetam os residentes próximos de seu entorno.

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Dinâmica da pesquisa**

A coleta de dados ocorreu no período de março de 2021 a julho de 2021. A pesquisa aconteceu de modo presencial, em ambiente privativo no endereço do participante ou indicado pelo participante, na presença do pesquisador e participante, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo com rigor o protocolo de prevenção a COVID-19.

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Parecer N°4.593.739, em 16 de março de 2021.

### **3.2 Desenho metodológico**

Com o objetivo de analisar a utilização dos mecanismos de defesa, o presente estudo tomou como técnica de pesquisa os procedimentos adotados por Lertzman (2015), os quais, por meio de estudo de casos múltiplos, de abordagem qualitativa apoiado em Entrevista Relacional Dialógica – RDI (Relational Dialogical Interview), uso de entrevistas abertas com associação livre de ideias, permitiu avaliar as informações com maior profundidade, dentro da abordagem psicanalítica.

O desafio para os pesquisadores ambientais implica a inclusão de metodologias para medir a natureza emocional complicada dos seres humanos confrontados com os problemas ambientais. Como observa Maiteny (2000, p.339), “a política ambiental e a pesquisa social tendem a negligenciar as dimensões experienciais internas da vida humana”. Como alternativa, a abordagem psicanalítica centraliza os mecanismos de defesa inconscientes na compreensão dos afetos, emoções e sentimentos experimentados pelas ameaças ambientais, bem como as respostas a elas. Com mais de um século em prática e pesquisa clínica, o saber psicanalítico oferece uma visão diferenciada de como a perda real ou antecipatória é geradora de ansiedade, como os sujeitos humanos se defendem contra o desprazer e a ansiedade, recuando desses estados através da utilização de alguns mecanismos de defesa como a negação, projeção, racionalização, a cisão, a apatia e outros.

### 3.3 Área de estudo

O estudo foi realizado com residentes na cidade de Joinville – SC - Brasil, com domicílio na região da Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, que está totalmente inserida na região urbana do Município de Joinville. Esta região ocupa 72,60% da área urbanizada, com 59,10 km<sup>2</sup>. Localizado na região Sul do País, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Mapa de localização Joinville, em relação ao estado de Santa Catarina e ao Brasil.



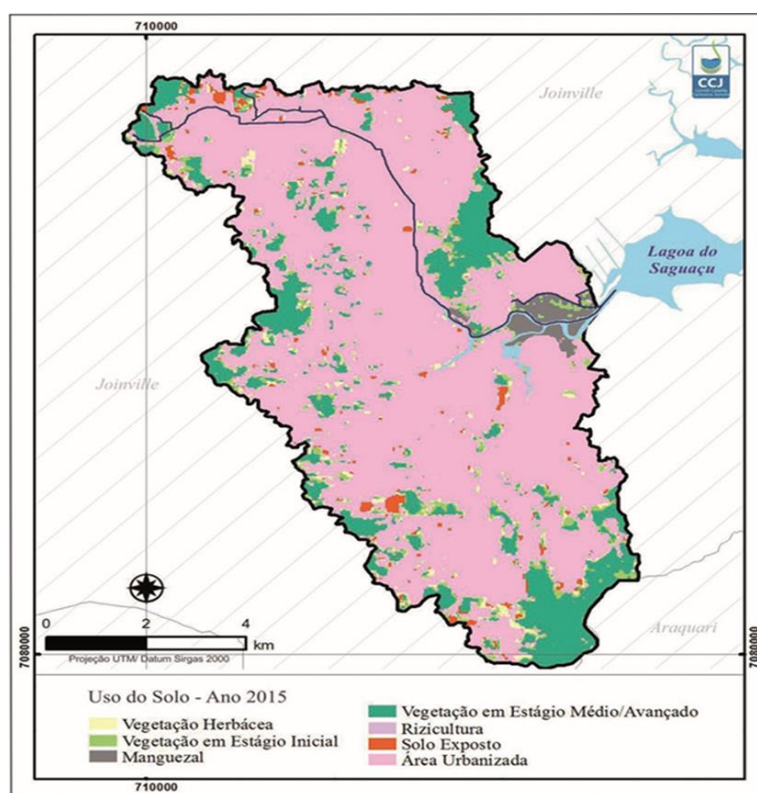
Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville – IPPUJ 200

Joinville é a maior cidade catarinense, responsável por cerca de 20% das exportações catarinenses. Segundo o IBGE (2008). Figura entre os quinze maiores arrecadadores de tributos e taxas municipais, estaduais e federais. A cidade concentra grande parte da atividade econômica na indústria. O Produto Interno Bruto - PIB de Joinville também é um dos maiores

do país, em torno de R\$ 52.792,59 por ano de acordo com o índice mais recente do IBGE (2018). Também segundo o IBGE (2021), a população estimada é de 604.788 pessoas. O percentual de escolarização de 6 anos a 14 anos é de 97,3% e o Índice de desenvolvimento humano municipal – IDHM, é de 0,809 de acordo com os últimos dados coletados pelo IBGE (2010).

Existe um total de sete bacias que compõe o ordenamento hidrográfico no município de Joinville, onde se encontram a Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira e a Bacia Hidrográfica do Rio Cubatão do Norte. A extensão do rio principal que é o Rio Cachoeira é de 16km. A lagoa do Saguçu é onde ocorre a sua foz, parte do complexo estuário da Baía da Babitonga. (IPPUJ,2013).

Figura 2 – Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira – uso e ocupação do solo – 2016. A legenda que permite visualizar os 72,60% da área urbanizada sobre esta Bacia (CCJ,2016).



Fonte: Comitê Cubatão Cachoeira -CCJ (2016) – Editora UNIVILLE

A área da Bacia do Rio Cachoeira tem sido considerada a mais vulnerável à degradação ambiental na região. Conforme os levantamentos de Ferreira ( 2015, p.121), a respeito das causas da poluição e da degradação ambiental a muitos anos, os principais fatores responsáveis pela poluição das águas foi via “o esgoto doméstico sem tratamento, lançado desde o início da colonização até os dias atuais”; o “descarte incorreto de lixo” no rio e nas suas margens; desde muitos anos a “retirada da mata ciliar” e principalmente o uso do rio para o descarte de grandes volumes de “resíduos industriais quando a cidade se industrializou”.

### 3.4 Participantes

A realização deste estudo contou com a participação de sete pessoas, sendo cinco

homens e duas mulheres. A amostra dos participantes selecionados foi apoiada na técnica bola de neve, também conhecida por *snowball sampling* ou cadeia de informantes (VINUTO, 2015), que inicialmente contou com 28 voluntários, que após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido responderam a um Questionário de Triagem.

O objetivo foi selecionar alguns participantes que pudessem ser percebidos por ambientalistas e pesquisadores de opinião pública como “não se importando” com o meio ambiente nem com as causas ambientais. O grupo entrevistado não teve o propósito de ser uma “amostra” no sentido de ser representativo de um grupo maior. As prioridades foram a profundidade, em oposição à ‘amplitude’ e a microanálise em oposição a generalizações relativas a um determinado grupo demográfico. Pessoas que podem ser facilmente ignoradas e entrarem nas pesquisas como pessoas com baixa preocupação ambiental por motivo de problemas pessoais indeterminados. Optou-se por entrevistar os que relataram no questionário que pensam sobre questões ambientais no intervalo intermediário das respostas “nunca” e “frequentemente” e que expressaram um nível moderado abaixo de pensamento consciente sobre questões ambientais, ou no caso de terem expressado pensamento “frequentemente”, não terem estado envolvidos em quaisquer atividades de conservação ambiental.

### 3.5 Entrevista Relacional Dialógica – DRI (Relational Dialogical Interview)

Historicamente, o DRI surgiu em 2007, a partir de uma demanda à Lertzman (2015) em projetar uma metodologia de pesquisa que pudesse efetivamente explorar processos e dinâmicas inconscientes e atender a relações de objeto e contextos ambientais da região altamente poluída dos Grandes Lagos, Wisconsin -EUA. O cerne dessa abordagem é o design do que Lertzman chama de Entrevistas Relacionais Dialógicas – DRI.

Seguindo esta metodologia, no presente estudo buscou-se realizar três entrevistas individuais, com a duração média de 45 minutos cada, com os sete participantes selecionados.

Na abertura da primeira das três entrevistas foi feita uma colocação única, como um convite à fala: “Conte-me onde você cresceu. Por favor, comece como desejar e diga o que vier à sua mente”. Essa questão foi projetada para ser abrangente e ampla e deliberadamente inconsciente em relação ao tópico do estudo, e teve também como objetivo estabelecer um relacionamento de confiança com a entrevistadora, para começar com o tópico da água, da natureza, do meio ambiente e do Rio Cachoeira.

Após cada sessão de entrevista, seguiu-se uma pré-análise, com a percepção das narrativas, bem como a importância de destacar os tópicos, as ideias, os pensamentos e os sentimentos que surgiram na entrevista que eram particularmente carregados ou significativos.

A segunda entrevista continuou intencionalmente não estruturada e por associação livre, tornando-se progressivamente focada no tema ambiental, quando a entrevistadora apresentava perguntas, esclarecimentos, feedbacks e interpretações ocasionais. Os entrevistados foram lembrados, no início da segunda entrevista, que a degradação do Rio Cachoeira era o assunto específico da entrevista, pelo qual foi selecionado(a) e em torno do qual ele(a) foi convidado(a) a associar suas ideias livremente. Neste ponto retomou-se algumas

associações que o(a) participante trouxe na primeira entrevista em relação ao tópico, que poderiam ser mais explorados, estimulando a confiança em poder falar dele e das emoções que surgiam com tal conteúdo ou lembrança. Quanto mais confiante o(a) participante se mostrava em compartilhar as suas reflexões, mas a entrevistadora podia levantar questões. Por exemplo: “o que estas coisas significam para você?” Desse modo, palavras, expressões, sentimentos, mecanismos defensivos presentes na mente do entrevistado foram registrados. A ideia de que os pensamentos estão associados uns com os outros, através do determinismo psíquico inconsciente, é de grande importância para compreender a entrevista dialógica.

No terceiro encontro buscou-se estreitar e aprofundar as associações. Assim como na segunda entrevista, iniciou-se a terceira entrevista fornecendo um feedback a(o) participante, sobre o que se ouviu no encontro anterior, de modo mais claro possível, para que eles(a) percebessem o nível de atenção da escuta à sua fala. Foi possível, inclusive, demonstrar solidariedade através de breves comentários, em relação a depoimentos de dor ou lutos. Este aspecto da abordagem dialógica foi central para a construção da relação de confiança na condução das entrevistas de pesquisa qualitativa.

Dessa forma, no encontro final, pode-se provocativamente levantar perguntas mais diretas sobre emoções sentidas em relação a algum tópico específico que o(a) participante trouxe, ou a alguma perda que ele(a) teve e sobre o qual utilizou mecanismos de defesa, sempre se demonstrando o mais transparente e acolhedora possível. Ao mesmo tempo que buscando bastante foco no tópico ambiental. Para isso exibiu-se ao(a) participante imagens relacionadas à poluição ou ao descarte de entulho no Rio Cachoeira, que cumpriria esta função de impactar o(a) participante. Este(a) então responderia ao estímulo visual e não à entrevistadora, evitando uma pergunta frontal e direta sobre seus sentimentos em relação a ameaças ecológicas que enfrenta o Rio Cachoeira. Seguindo esta lógica, cada entrevista cumpriu uma função específica em relação ao conjunto de encontros.

### **3.6 Análise dos dados**

Os dados obtidos por meio da aplicação do Questionário de Triagem foram digitados e tratados estatisticamente. As variáveis qualitativas foram geradas pela sua frequência absoluta e porcentagem, o que possibilitou a seleção dos setes participantes para a fase qualitativa.

A análise qualitativa das entrevistas seguiu os princípios epistemológicos que puderam demonstrar a técnica da entrevista e a análise da entrevista em psicanálise. Primeiramente, a atenção cuidadosa ao estado de espírito e sentimentos (as angústias e ansiedades, os aspectos emocionais ou afetos) dos entrevistados, pois eles demonstraram estar na base dos mecanismos de defesa.

Nesse processo, foram considerados os seguintes mecanismos de defesa: negação; apatia; projeção; recalque; idealização; cisão; racionalização. Com o intuito de conferir coerência com a avaliação dos resultados, apoiou-se nas pesquisas e definições de mecanismos de defesas propostas por Freud S. (1896-1996); Klein (1975); Freud A. (1936); Lertzman (2015); Segal (1964); Stoll-Klemann, O’Riordan e Jaeguer (2001); Searles (1972) e Zimerman (2001).



Com a compilação dos resultados, realizou-se uma síntese de cada estudo de caso, destacando-se os mecanismos de defesa que no presente artigo é transmitido através da organização de um quadro das análises dos mecanismos de defesa dos participantes do presente estudo.

## 4 RESULTADOS

Participaram do questionário de triagem dezenove homens (67%) e nove mulheres (33%), totalizando 28 indivíduos. O questionário de triagem foi composto por 8 questões, de natureza qualitativa e trouxeram seus resultados através de gráficos de frequência, que apresentaram, de forma preliminar, o posicionamento de cada voluntário diante de questões como: níveis de preocupação ambiental, engajamento, conhecimento de questões ambientais e sentimentos em relação ao tema do presente estudo.

A tabela 1 mostra a preocupação ambiental, mensurada pela declaração da frequência com que pensam nos temas ambientais, com o nível escolar. As pessoas que concluíram o ensino superior são aquelas que mais relataram pensar na questão ambiental, pois fazem isso frequentemente. Por outro lado, a única pessoa que ressaltou nunca pensar sobre temas ambientais apresentou nível fundamental de escolaridade. De certa forma, isso sugere, sem robustez, que o nível de escolaridade se mostra como um fator importante para tratar dos temas ambientais.

Tabela 1: Preocupação ambiental conforme o nível escolar

	Nível de escolaridade			Total
	Fundamental	Médio	Superior	
Frequentemente	4 36,36%	2 18,18%	5 45,45%	11 100%
Ocasionalmente	2 25%	4 50%	2 25%	8 100%
Raramente	1 12,50%	4 50%	3 37,50%	8 100%
Nunca	1 100%	0 0%	0 0%	1 100%
Total	8 28,57%	10 35,71%	10 35,71%	28 100%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

A seguir apresenta-se as características gerais dos 7 participantes selecionados para a etapa das entrevistas e estudos de caso. No que se refere ao estado civil, a maioria é casado, somente dois não conviviam mais com os cônjuges, um por viuvez e outro por divórcio. A faixa etária dos mesmos variou dos 31 aos 89 anos e a escolaridade foi do Ensino Fundamental ao Ensino Superior completo. O local de residência foi em diferentes bairros cada um e um no centro da cidade.

Quadro 1. Caracterização dos participantes selecionados para a etapa de entrevistas do presente estudo.

	Participantes						
Dados Pessoais	Caso 1 Alex	Caso 2 Flávio	Caso 3 Elisabet	Caso 4 Jackson	Caso 5 Izabel	Caso 6 Roberto	Caso 7 Sílvio
Estado civil	casado	casado	viúva	casado	casado	casado	divorciado
Idade	39	31	89	38	50	26	42
Formação	Ensino Superior	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Residência	Bucarem	Boehmer-Wald	Centro	Guanabara	Jardim Paraíso	Itaum	Fátima

O Quadro 2 por sua vez, sintetiza a razão da escolha dos participantes para as entrevistas e confirma que a maioria nunca, raramente ou ocasionalmente pensam sobre problemas ambientais e não participam de grupos ou causas em prol do meio ambiente.

Quadro 2. Razão da escolha dos participantes

Participantes*	Razão da escolha
Alex	Pensa frequentemente sobre problemas ambientais, mas não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Flávio	Raramente pensa sobre os problemas ambientais, raramente o assunto é discutido em família e não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Elisabet	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvida em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Jackson	Nunca pensa nos problemas ambientais. Diz que o Rio Cachoeira tem mau cheiro e alaga o centro da cidade.
Izabel	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvida em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Roberto	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, mas não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.
Sílvio	Ocasionalmente pensa sobre problemas ambientais, raramente discute o assunto em família e não está envolvido em quaisquer atividades de conservação ambiental.

\*Os nomes dos participantes são fictícios.

A fim de que se possa ter uma visão geral dos mecanismos de defesa identificados nos relatos dos casos estudados, criou-se um quadro demonstrativo desses mecanismos e a incidência deles por participante.

Quadro 3: Compilação dos resultados das análises dos mecanismos de defesa dos participantes do presente estudo

Mecanismo de Defesa	Participantes						
	Caso 1 Alex	Caso 2 Flávio	Caso 3 Elisabeth	Caso 4 Jackson	Caso 5 Izabel	Caso 6 Roberto	Caso 7 Sílvio
Negação	4	3	1	-	-	2	-
Apatia	1	1	1	2	1	7	2
Projeção	2	4	1	1	8	7	-
Recalque	1	1	1	2	-	4	1
Idealização	4	4	2	3	6	11	1
Cisão	4	1	3	1	1	3	-
Racionalização	4	3	-	-	1	4	-

A seguir apresenta-se uma síntese dos mecanismos de defesa e como foi possível identificar cada um deles por meio das entrevistas.

Quadro 4: Identificação dos mecanismos de defesa nas entrevistas

Mecanismo de Defesa	Como foram identificados nas entrevistas
Negação	As narrativas de negação apresentaram a palavra “não” diretamente ou mostraram-se como uma recusa dos entrevistados a aceitar a existência da situação penosa do Rio Cachoeira, evitando assim a angústia.
Apatia	A apatia mostrou-se presente como uma solução mental para as frustrações dos entrevistados diante da poluição e degradação local que não conseguiram solucionar ao nível da consciência, trazendo uma paralisia e falta de criatividade para lidar com a temática ambiental.
Projeção	Mecanismo utilizado com frequência, os participantes projetaram principalmente nos governantes a solução dos problemas ambientais locais, possibilitando um alívio das tensões internas.
Recalque	Este mecanismo apareceu nos discursos como um sinal de que a temática ambiental deveria ser evitada, não evocável. Os entrevistados que utilizaram este tipo de defesa mudavam de assunto para outros, de seus interesses, sempre que se tentava focar no assunto da natureza e da poluição do Rio Cachoeira.
Idealização	Prevaleceu nos discursos dos entrevistados, idealizando as interações que tiveram com o Rio Cachoeira no passado, ou idealizando a mudança da situação em Deus e ainda na tecnologia e na permacultura.
Cisão	Observou-se grande ambivalência entre a natureza como algo positivo e bom, e negativo e mau, gerando ansiedades e tensões internas. Por exemplo, ora o Rio Cachoeira era um lugar bom, ora as suas águas alagando a cidade o tornavam algo ruim.
Racionalização	Predominou em alguns entrevistados que buscaram dar explicações lógicas para os problemas ambientais, discorrendo de forma extensa sobre as suas teorias. Desse modo puderam estabelecer compromissos entre impulsos conflitantes que a poluição desencadeou, aliviando a ansiedade e frustração.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, quando se fala em poluição, principalmente das águas, como dos cursos de água e dos mares, logo surge a imagem do rio Tietê na cidade de São Paulo ou da Baía de

Guanabara, localizada no Rio de Janeiro. É recorrente também, principalmente nos rios e córregos, a imagem do transbordamento, que acarreta muitos transtornos, incluindo prejuízos materiais e danos à saúde humana por conta da exposição de elementos nocivos, como a leptospirose, por exemplo.

Sendo assim, a poluição das águas, além do aspecto visual, do odor e dos transtornos decorrentes de enchentes, não é associada a nenhum outro elemento de impacto direto e imediato ao ser humano. No entanto, um exame cuidadoso aponta justamente o contrário, ou seja, de que há elementos indiretos e subjetivos que afetam as pessoas, provocando um prejuízo à sua saúde e, por decorrência, ao seu bem-estar. E um dos pontos é o desenvolvimento dos mecanismos de defesa. Estes mecanismos também são considerados como adversidades a serem levadas em conta nos programas que visam uma mudança de postura diante dos problemas ecológicos.

Por meio do presente estudo foi possível verificar que a totalidade dos entrevistados e residentes do entorno da Bacia do Rio Cachoeira desenvolveram uma multiplicidade de mecanismos de defesa decorrentes da poluição do referido rio. Nota-se, a princípio, que não é possível realizar uma generalização de algum mecanismo de defesa, no entanto, há aqueles que se destacam mais em função das tensões psicológicas, das ansiedades e das emoções negativas decorrentes das ameaças ambientais.

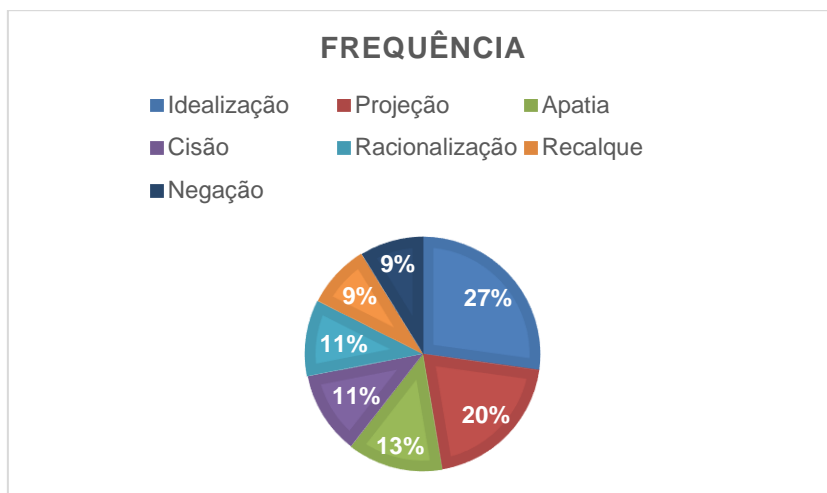
Como discutido neste trabalho, para Freud, a noção de mecanismos de defesa é um processo inconsciente, por meio do qual o ego, parte consciente do aparelho psíquico, se dissocia de impulsos ou afetos que considera ameaçadores e que tragam sofrimento. Em suma, as defesas mantêm seu princípio de evitar aquilo que é difícil de lidar, dessa forma, cria-se uma barreira que protege a pessoa das realidades que possam, em qualquer grau, trazer sofrimento. No presente contexto, nota-se também que a questão ambiental é um fator desencadeador de sofrimento à pessoa, pois há uma dissociação entre o idealizado, como algo positivo, e a realidade posta, como algo negativo.

A diferença entre o idealizado e a realidade advém do fato que os entrevistados apresentam condições de comparação, ou seja, já experimentaram, em algum momento da vida, um ambiente em condições de ausência de poluição e de degradação. Mesmo supondo que o ambiente não estivesse livre de danos, fato bastante plausível em determinados locais e épocas, a poluição e a degradação não eram percebidas a determinado ponto que o ambiente pudesse ser qualificado como impróprio.

Essa condição de comparação se mostrou um fator bastante importante para o desenvolvimento de mecanismos de defesa, os quais buscam atingir uma condição de equilíbrio e adaptação às realidades ambientais ameaçadoras. Portanto, os mecanismos defensivos, como a negação, a idealização, a projeção, a racionalização e a apatia, por exemplo, constituem a luta interna decorrente de um fator externo, ou seja, de um dano ambiental.

Neste estudo foi possível identificar nas três rodadas de entrevistas com cada um dos sete participantes, sete tipos principais de mecanismos de defesa utilizados nas narrativas, na sua ordem de frequência: idealização, 31 vezes; projeção, 23 vezes; apatia, 15 vezes; cisão, 13 vezes; racionalização, 12 vezes; negação e recalque, 10 vezes cada.

Figura 3: Frequência com que foram identificados os mecanismos de defesa.



Caracterizou-se como um grupo heterogêneo, ou seja, diversas faixas etárias, gêneros, níveis socioculturais, crenças religiosas e nacionalidades, onde o objetivo não foi o de selecionar uma amostra representativa de uma população maior, mas explorar as subjetividades com maior profundidade a fim de dar voz aos pensamentos e sentimentos das pessoas que, pela falta de interesse nos assuntos ambientais, não seriam priorizadas em pesquisas ou em iniciativas a favor do meio ambiente. Desejou-se investigar melhor que razões subjazem o seu comportamento de resistência e indiferença e atingiu-se o objetivo, pois através dos estudos dos casos foram obtidos relatos e depoimentos em profundidade. Foram coletadas histórias trágicas de perdas, lutos e sofrimentos relacionados à vida pessoal de alguns entrevistados, bem como perdas e ansiedades em relação às próprias questões do caos ambiental que está se vivendo na atualidade.

Constatou-se, assim, durante a etapa de discussão dos casos, ao analisar os mecanismos de defesa que surgiram nas narrativas, que houve uma convergência com a teoria psicanalítica de defesas, nos diversos autores que fundamentaram a pesquisa. Por exemplo, se mostrou em harmonia com Zimerman (2001), sobre o mecanismo de defesa da idealização, que aparece com maior frequência no presente estudo. Ele observa que a idealização está relacionada a objetos parciais classificados como objeto bom, mau, persecutório e idealizado, todos estão sempre em interação. Segal (1964), de modo complementar entende que a relação com o objeto bom pode ser idealizada e pode ocorrer em diversas situações. E ainda se corroborou os achados da pesquisa de Lertzman (2015), sobre esse mundo idealizado da infância, ao longo dos seus dados de entrevistas, quando os participantes se lembraram de brincar nas águas espumantes e nas dunas de areia branca, o que tornou difícil analisar, diz ela, ao longo das entrevistas, um profundo sentimento de nostalgia de uma inocência perdida e da associação do mundo natural, antes da degradação ambiental, como por exemplo, algas, espécies invasoras, tóxicos etc.

Este grupo, apesar da ampla diversidade, apresentou duas posições distintas em relação às questões de conservação ambiental: ou o participante se mostrou impactado e ficou comovido com os problemas do meio ambiente e demonstrou iniciativa e criatividade em pensar ações práticas, ou apresentou-se apático, com uma paralisia ambiental em relação aos problemas de poluição e degradação.

O padrão mais apático representou um ponto de convergência para a maioria dos entrevistados. Nestes, além da apatia, pôde-se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da idealização, da projeção, da cisão, da racionalização e do recalque nos seus relatos.

A parte menor do grupo mostrou-se impactada e ficou comovida com os problemas ambientais. Apesar de também aqui se correlacionar o uso dos mecanismos de defesa da idealização, da projeção, da cisão, da racionalização, do recalque e da negação, mas estes foram utilizados em menor intensidade ou como defesa dos participantes por não se encontrarem engajados em atividades de conservação ambiental na prática. No entanto, reforça-se o fato de terem sido participantes mais criativos e dispostos a assumir o seu papel social nas questões ambientais em geral e na degradação do Rio Cachoeira e no seu entorno.

Partindo da suposição de que o engajamento e a conscientização ambiental podem se desenvolver muito mais pelo laço que se estabelece entre o agente e os moradores de uma comunidade do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro, este estudo buscou descrever algumas contribuições que pode a psicanálise oferecer ao campo da conservação ambiental, através da avaliação dos mecanismos de defesa.

Salientou também a valiosa contribuição do método das Entrevistas Relacionais Dialógicas, de fundamentação psicanalítica, tanto para a promoção da reflexão em profundidade sobre questões ambientais, quanto para os sentimentos e defesas que tais questões tragam às pessoas. Adicionalmente, contribui para a aplicação de uma Postura Dialógica, em programas educacionais e campanhas voltadas à conservação ambiental, que inclua todos os participantes como sujeitos detentores de um saber particular sobre a temática do meio ambiente, que são ouvidos e que constroem um modo de comunicação que inclui os afetos.

Neste momento histórico faz-se de suma importância trazer um entendimento profundo aos dolorosos dilemas que se experimenta em relação ao meio ambiente, para que se possa agir com o máximo de discernimento, cuidado e criatividade possíveis. Os programas e iniciativas que buscam ir ao fundo, fazer conexões incômodas para ter uma visão da situação ambiental com uma percepção mais aguçada, que leve até os lugares mais radicais e verdadeiros que a questão suscitada, apresenta desafios emocionais, morais, intelectuais e práticos da mais alta ordem, para os quais este estudo procurou ser um incentivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 6.938/81**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasil, 1981.

CARTWRIGHT, Dovan. **Psychoanalysis, Violence, and Rage-type Murder: Murdering Minds**. London: Routledge, 2002.

CARTWRIGHT, Dovan, **The psychoanalytic research interview: preliminary suggestions**. The Journal of the American Psychoanalytic Association. Winter.52. p. 209–242. 2004. 290 p. DOI: 10.1177/00030651040520010501. PMID: 15089021.

FARIAS, Ana Lizete; KNECHTEL, Maria do Rosário. **Uma perspectiva psicanalítica para a Educação Ambiental**. Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental, v. 23, p. 322-338. Curitiba, 2018.

FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. **O sertão formal da política brasileira de conservação da natureza**. Revista Brasileira de Ciência Política., Brasília, n. 20, p. 165-204, Aug. 2016. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522016000200165&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522016000200165&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 15 mai. 2021.

FERREIRA, Claudia Oliveira. Educação Ambiental: construindo novos valores, quebrando velhos paradigmas, Joinville: UNIVILLE, 2015. Disponível em: [www.univille.edu.br](http://www.univille.edu.br). Acesso em 23 fev.2020.

FREUD, Ana. (1936). **O ego e os mecanismos de defesa**. Traduzido por Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Freud, Sigmund (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Em Obras completas ESB. Vol 3. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. (1894) **As neuropsicoses de defesa**, Em Obras Completas ESB. Vol.3. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1925). **A negativa**. Em Obras Completas ESB. Vol.19, p. 265-269. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade**, Em Obras Completas ESB. Vol. 20, p. 79-171. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE JOINVILLE – (IPPUJ). **Joinville cidade em dados 2013**. p. 207. Joinville: Prefeitura Municipal, 2013.

GREENE, Joshua. **Tribos Morais. A tragédia da moralidade do senso comum**. São Paulo: Editora Record, 2018.

HIRAMATSU, Ai; KURISU, Kiy; HANAKI, Keisuke. **Environmental consciousness in daily activities measured by negative prompts**. Sustainability Journal, 2016. 8. 24. DOI:10.3390/su8010024

HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. **Fazendo pesquisas qualitativas de maneira diferente: associação livre, narrativa e método de entrevista**. Londres: Sage, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE (IBAMA). **Insitucional. Histórico. Valores**. Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br>>. : Acesso em abr. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Normas e apresentação tabular**. 3.ed.1993. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420910>. Acesso em abr. 2021.

Klein, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). 4. ed. vol. 3. Traduzido por Liana Pinto Chaves e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

KOLLMUSS, Anja; AGYEMAN, Julian. **Mind the Gap: Why do people act environmentally and what are the barriers to pro-environmental behavior?** Environmental Education Research, 8:3, 239-260, 2002. DOI: 10.1080/13504620220145401

LERTZMAN, Renée. **Environmental melancholia: Psychoanalytic dimensions of engagement**. London: Routledge. Macy, J. & Brown, M. 2015.

MAITENY, P., 2000. **The psychodynamics of meaning and action for a sustainable future**. p. 339. Futures 32 (3).

SEARLES, Harold. **Unconscious processes in relation to the environmental crisis**. *The Psychoanalytic Review* 59 (3), p. 361–374. 1972.

SEGAL, Hanna.(1966). **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago Editora,1975.

STOLL-KLEEMANN, S.; O'RIORDAN, T.; JAEGER, C.C. **The psychology of denial concerning climate mitigation measure. Evidence from Swiss focus group**. Global environmental Change 11. pp.107-117. 2001.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas. UNICAMP. v. 44. p. 201-218. Campinas: Unicamp, 2015.

Zimerman, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.